

Texto 1

Colômbia dá exemplo para reduzir violência

As cidades de Bogotá e Medellín se tornaram laboratórios sobre como prevenir e como combater à criminalidade. Níveis de pobreza ainda são altos, mas essas cidades conseguiram reduzir suas taxas de homicídio em 79% e 90%, respectivamente.

Apontadas como as cidades mais violentas do mundo, Bogotá e Medellín, na Colômbia, estão se transformando nos mais avançados laboratórios do mundo de prevenção à criminalidade e, em especial, aos homicídios. Apesar de ainda manterem altos níveis de pobreza – cerca de 40% da população, semelhante às metrópoles brasileiras — essas duas cidades conseguiram reduzir, respectivamente, suas taxas de homicídio em 79% e 90%.

São exemplos que poderiam muito bem ser adotados – ou adaptados — pelas grandes e violentas cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, onde, como na Colômbia no passado, se dissemina o crime organizado.

O que resta de violência nestas cidades colombianas continua ainda alto para padrões civilizados, mas são passos notáveis para comunidades em que se misturam e, muitas vezes, se indiferenciam narcotraficantes, paramilitares, guerrilheiros e quadrilhas de jovens, beneficiados por décadas de impunidade.

Texto 2

Bogotá combinou repressão com urbanismo e educação

Desde 1993, taxa de homicídios caiu quase 80%, chegando a 17 por 100 mil habitantes. Além de transporte público e ciclovias, capital investiu no ensino, tornando-se o epicentro na América Latina da idéia de Cidade Educadora.

Luiz Angel Blandon, 38, ex-guerrilheiro das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), tem entre suas funções distribuir gratuitamente livros em pontos de ônibus de Bogotá. É um projeto chamado “Livros que voam”: o beneficiário precisa se comprometer a passar o livro adiante e exigir que o próximo a recebê-lo não interrompa a corrente literária. “Não fazia mais sentido ficar guerreando”, explica.

Personagens como Blandon são uma das explicações da redução da violência em Bogotá. De 1993 até este ano, a taxa de homicídios da cidade caiu quase 80% e está em 17 por 100 mil habitantes, quase igual à da cidade de São Paulo, o que significa dizer que, apesar do notável avanço, ainda está longe do satisfatório. Como aceitou deixar as armas, Blandon entrou em um programa público de reinserção. Ganha um salário para ajudar a melhorar Bogotá, promovendo, entre outras tarefas, a corrente literária. Além

desse ex-guerrilheiro, os livros também ajudam a explicar o avanço na segurança. “A cidade investiu, além do aprimoramento da repressão, em urbanismo combinado com educação”, afirma o sociólogo Jairo Arboleda, responsável no Banco Mundial, na Colômbia, pelo estímulo a parcerias comunitárias com o setor público.

Bogotá criou nos últimos anos uma rede de gigantescas bibliotecas em bairros mais pobres, cujo papel primordial é recuperar o espaço público deteriorado e facilitar a convivência. O impacto visual dessas construções é semelhante ao dos CEUs, as modernas e amplas escolas públicas na periferia de São Paulo.

O acesso à rede de bibliotecas é facilitado por uma ciclovia de 305 quilômetros e, mais importante, por um corredor de ônibus batizado de TransMilênio. A prefeitura se inspirou em Curitiba, com seus bi-articulados e o pagamento antecipado do bilhete feito em imensas e transparentes cabines na rua. A diferença é que, em Bogotá, o corredor não só levou transporte rápido e de qualidade às áreas mais distantes como se transformou em imensos calçadões para pedestres, alguns deles ajardinados ou com fontes de água. “É impressionante como o TransMilênio subiu a auto-estima dos moradores. Virou um motivo de orgulho coletivo”, afirma Arboleda.

(Coluna originalmente publicada na Folha de S.Paulo, editoria Cotidiano, 16/10/2006).

Texto 3

O aumento assustador da violência no Brasil

Com certeza absoluta, pagamos excessivos tributos e o benefício social é muito baixo em serviços públicos de educação, de saúde, de habitação, de previdência social e, principalmente, de segurança para a sociedade brasileira. São alarmantes os índices de violência que assola os 26 Estados brasileiros e o Distrito Federal. Os ataques criminosos do PCC (Primeiro Comando da Capital) no Estado de São Paulo revelam que o agravamento da violência é extremamente preocupante.

Segundo a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), entre 1991 a 2000, uma média de 50 mil pessoas são assassinadas no Brasil por ano; cerca de 45 mil são vítimas de arma de fogo. A violência é a maior causa de morte na população jovem masculina. A cada ano não pára de crescer o número de homicídios, latrocínios, seqüestros, assaltos, agressões e arrombamentos de carros para roubar equipamentos de som em todo o País.

A violência está crescendo muito nas grandes cidades do País. Segundo a UNESCO, a taxa de homicídio por armas de fogo entre os jovens de 15 a 24 anos no Brasil aumentou de 32,5 mortos por 100 mil habitantes em 1991 para 52,1 mortos por 100 mil habitantes em 2000. Um fato provocou um estado de grande preocupação nacional foi a chacina de 30 brasileiros, moradores de favelas e bairros populares na Baixada Fluminense no Estado do Rio de Janeiro. Os impactos sociais e econômicos da violência precisam ser mais avaliados e discutidos pela sociedade brasileira.

(Paulo Galvão Júnior, economista, site www.corecon-pb.cofecon.org.br, 19/05/2006).

A exemplo da Colômbia, será que o Brasil não poderia reduzir os índices de violência urbana? Reflita sobre isso e siga o que se pede:

Se você fosse eleito (a) presidente do Brasil, o que você faria para conter a violência no País? Apresente as suas idéias em um DISCURSO à Nação.

